

RESUMO

Neste artigo, discutimos a construção de objetos de discurso na narrativa bolsonarista durante o contexto pandêmico de Covid-19, focando na compreensão de quais estratégias são escolhidas na construção do discurso bolsonarista para que ele seja ou não considerado negacionista. Assim, com base nos estudos da linguagem inseridos no campo da Linguística Textual a partir da perspectiva sociocognitiva, este artigo tem como objetivo analisar as estratégias discursivas empregadas por Jair Bolsonaro em dois discursos públicos. Os resultados da análise indicam que a narrativa bolsonarista indicia uma posição negativista por meio de escolhas referenciais sobre a crise global provocada pela pandemia de Covid-19.

Palavras-chave: Referenciação. Objetos do discurso. Narrativa bolsonarista.

ABSTRACT

In this paper, we discuss the construction of discourse objects in the bolsonarist narrative during the Covid-19 pandemic context, focusing on understanding which strategies are chosen in the construction of the bolsonarist discourse so that it is or is not considered a negationist. Thus, based on language studies inserted in the field of Textual Linguistics based on the socio-cognitive perspective, this paper aims to analyze the discursive strategies employed by Jair Bolsonaro in two public speeches. The analysis results indicate that bolsonarist narrative demonstrates a negativistic position by means of referential choices about the global crisis caused by the Covid-19's pandemic.

Keywords: Referenciation. Objects of discourse. Bolsonarist narrative.

1 INTRODUÇÃO

No momento desta escrita, estamos no segundo semestre do ano de 2020, ocasião em que vivenciamos as causas e consequências da pior crise sanitária do século XXI decorrente do paradigma consumista: a crise pandêmica do novo coronavírus.

Nesse cenário sem precedentes, as desigualdades sociais ficaram crua e severamente evidenciadas. Com isso, observamos, com muito mais saliência e a olho nu, o trabalho hercúleo dos profissionais da saúde para mitigar os sintomas da Covid-19; vemos as madrugadas usadas para o planejamento pedagógico dos profissionais da educação; o desespero dos recém-desempregados; as

¹ Mestre em Linguística Aplicada pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada da Universidade Estadual do Ceará (UECE). Fortaleza/CE, Brasil. ORCID: <http://orcid.org/0000-0003-1858-5361>. E-mail: denisetmrqs@gmail.com.



criativas adaptações à nova rotina de isolamento social (feitas por quem usufrui de privilégios diversos); o trabalho exaustivo dos profissionais da mídia para lidar com a circulação de informações sobre a pandemia; a resiliência dos jornalistas para resistir a uma forte repressão à liberdade de imprensa etc.

Diante das mais diversas situações vividas em tempos de pandemia, percebemos que esta configura-se como um fenômeno de teor complexo e traz consigo a incerteza e a falta de respostas prontas e decisivas. Para lidar com essas incertezas quanto à resolução da crise causada pela pandemia, governos e organizações mundiais têm tomado distintos posicionamentos e incorporado discursos específicos. Países orientais dispuseram-se de ações prontamente reativas ao adotarem estratégias de mitigação do contágio. Países das Américas e da Europa posicionaram-se contra o contágio do novo coronavírus tardiamente, resultando em um preocupante número de contaminados e mortos pela Covid-19.

Tardia e contextualmente, cada um desses países das Américas e da Europa tomou suas decisões de acordo com protocolos gerados tanto pela Organização Mundial de Saúde quanto pelos responsáveis locais. Nessa corrida contra o contágio do vírus em alguns países, a tomada de posicionamentos tardia significou o aparecimento de ações oriundas tanto de discussões legítimas da comunidade científica quanto de pautas político-ideológicas. Estas, muitas vezes, inseridas na prática do fenômeno das *fake news*, caracterizadas pelo cunho negacionista carente de fontes legítimas e verificadas pela comunidade científica.

Dentre os países que tardiamente reagiram com medidas mitigadoras, estão Estados Unidos e Brasil, este sendo o segundo país mais afetado do mundo, enquanto aquele segue em primeiro lugar, considerando tanto o fator de contágio quanto o de morte. Ambos, inicialmente, apostaram em ações guiadas pelas discussões trazidas por grupos exógenos à comunidade científica.

No Brasil, apesar de haver discrepâncias entre o discurso e posicionamento do Governo Federal e as orientações de instituições mundiais de saúde, há diversas ações de prevenção e de controle da pandemia adotadas devido à autonomia dos governos estaduais e municipais do país. A adoção desses posicionamentos autônomos por alguns estados brasileiros pautou-se em discussões legítimas vindas da comunidade científica, o que, desde o início, contrariou os posicionamentos declarados pelo Governo Federal brasileiro.

Ao passo que as consequências da crise sanitária de Covid-19 se tornam mais evidentes, há o crescente interesse oriundo do olhar da comunidade científica em estudar essa crise. Com o apoio desse panorama sinóptico referente ao contexto brasileiro durante o enfrentamento à pandemia causada pelo novo coronavírus (SARS-Cov-2), situação em que muitas ações reais são praticadas devido a discursos exógenos à ciência, focamos no papel dos estudos da linguagem para o entendimento dessa crise





sanitária que não se fecha apenas no aspecto biológico e sanitário. Em consonância ao que defende Beaugrande (1997) sobre a ciência da linguagem, consideramos que é por meio do discurso que acontece uma das maneiras mais efetivas de compreender as atividades sociais. Assim, nesta pesquisa, voltamo-nos para a investigação das reconstruções dos objetos de discurso que permeiam e constituem a narrativa incorporada pelo Governo Federal brasileiro, aqui nomeada como bolsonarismo, no trato da pandemia de Covid-19.

Em face das declarações e posicionamentos do chefe do poder executivo brasileiro sobre a pandemia da Covid-19, objetivamos, na seara da Linguística Textual sob a ótica sociocognitivista-discursiva, investigar como os objetos de discurso são negociados pela narrativa bolsonarista durante as declarações públicas do Presidente da República sobre a pandemia; analisar se há presença de traços de teor negacionista nessas declarações e quais são as escolhas referenciais que indiciam um discurso de negacionismo e, ainda, investigar a atuação do sujeito que incorpora as práticas discursivas da narrativa bolsonarista.

Em linhas gerais, as três questões antepostas são vistas como imbricadas nesta discussão, mas somente são separadas, por escrito, para efeito de análise dos dados. Nesta pesquisa, interessou-nos a compreensão e a análise das negociações intersubjetivas dos objetos de discurso na construção de sentido da narrativa bolsonarista, pois entendemos que “a maneira como dizemos aos outros as coisas é muito mais uma decorrência de nossa atuação discursiva sobre o mundo (...) que simples fruto de procedimentos formais de categorização linguística” (MARCUSCHI, 2007, p. 86).

A relevância para a execução desta pesquisa justifica-se pelo atual interesse em investigar, no campo dos estudos da linguagem, de modo interdisciplinar, o emergente fenômeno da Covid-19 e suas ramificações sociodiscursivas, aqui, mais especificamente, os modos de atuação discursiva sobre o mundo em uma realidade pandêmica.

Para evidenciarmos como desenvolvemos a investigação sobre as construções discursivas presentes nas declarações do chefe do poder executivo brasileiro sobre a pandemia da Covid-19, temos, então, de traçarmos um caminho teórico, passando por cada fundamento que sustenta a possibilidade de discutirmos sobre como os objetos do discurso na narrativa bolsonarista são reconstruídos e se há neles indícios de negacionismo e, se sim, quais são eles. Para isso, dividimos este artigo em movimentos retóricos que dessem conta da discussão teórica, do modo com o qual selecionamos o *corpus* de análise, da discussão dessa análise e das nossas considerações finais, como consta nas seções seguintes.





2 REFERENCIAÇÃO E CONCEPÇÃO ECOLÓGICA DA LINGUAGEM

Para investigar a reconstrução de objetos do discurso na narrativa bolsonarista, pautamo-nos numa agenda de estudos da linguagem que concebe o texto, a língua e as coisas do mundo para além dos engessamentos estruturalistas, correspondentistas ou mesmo internalistas. e apoiamo-nos em uma mescla oportuna entre fundamentos do campo da Linguística Textual.

Nesta pesquisa, admitimos o cariz sociocognitivo-discursivo do texto e da coerência (CAVALCANTE, 2014), concebendo, assim, os processos referenciais de acordo com essa ótica. Dessa forma, interessa-nos situar nossa discussão a partir da proposta teórica da referenciação, por esta salientar “o caráter altamente dinâmico do processo de construção dos referentes em um texto” (CAVALCANTE, 2014, p. 27) e porque é a partir dessa proposta que podemos compreender a reelaboração da realidade por meio do discurso.

Com esses entendimentos, corroboramos a concepção de Mondada e Dubois (1995), para quem a língua não é um sistema de etiquetas que se encaixam mais ou menos bem às coisas e, além disso, não se compõe a partir de um sistema especular, intrassistêmico e biunívoco, em que há categorias já preestabelecidas e cristalizadas durante seu uso. A partir disso, entendemos que “o processo referencial no texto exige mais do que uma simples semântica extensional” (MARCUSCHI, 2000, p. 15). De maneira infensa ao representacionismo, compactuamos com a ideia de que as categorias se reconstroem de forma dinâmica, que o sentido das coisas não é apriorístico nem pautado por um paradigma correspondentista e que “a linguagem não é um simples sistema de representações mentais individuais; também não é um sistema de representações semânticas ou afigurações de um mundo objetivo” (MARCUSCHI, 2000, p. 2).

Quanto aos processos referenciais, ao discutirmos sobre os termos anafóricos que imprimem um determinado julgamento do locutor, consideramos a proposta classificatória de Cavalcante (2003), porém com necessária ponderação amparada em Costa (2007), cuja tese elucidou com acuidade uma atual obviedade sobre a divisão entre anáfora indireta e introdução referencial.

Em Cavalcante (2003), a autora explica que nem toda expressão referencial (entendida como todas as formas de designação de referentes) é anafórica ou dêitica e que os elementos referenciais dividem-se entre o grupo dos “que introduzem novos referentes no ‘universo do discurso’, sem promoverem nenhum tipo de continuidade referencial” e o dos “que realizam a continuidade referencial de objetos presentes no universo discursivo, ou porque foram explicitamente evocados ou porque são dali inferíveis” (CAVALCANTE, 2003, p. 106).

Assim como Costa (2007), também refletimos sobre a seguinte indagação:





Se o universo textual/discursivo vai muito além da materialidade textual, como podemos determinar até onde vai o limite entre o que já estava presente nesse universo e que, por isso, constitui uma anáfora, e o que está entrando nele pela primeira vez e que, por essa razão, é classificado como introdução pura? (COSTA, 2007, p. 172)

A partir da sociocognição e de uma visão não representacionista, entendemos que a linguagem é um caminho repleto de pistas orientadoras, sem condições para uma fala adâmica, sem referência e sem continuidade alguma. Marcuschi (2001, p. 219) explica que as anáforas indiretas “não dependem de uma congruência morfossintática nem da necessidade de reativar referentes já explicitados”, noção esta que propicia uma oportunidade de repensar processos caros aos estudos da inferência, por exemplo.

De modo situado e contextual, concordamos que a língua também é constituída do aspecto inferencial, concepção esta que trouxemos para a análise sobre os julgamentos evidenciados por meio de pistas discursivas. Tais pistas constituem o processo inferencial e, nesta pesquisa, são vistas a partir de uma cara concepção de contexto que nos permite compreender as emergências oriundas das negociações intersubjetivas: a noção de contexto desenvolvida por Hanks (2008), considerando a **emergência e incorporação**², sendo o contexto “essencial para o reconhecimento do estatuto do texto e, conseqüentemente, de sua coerência” (CAVALCANTE, 2014, p. 20).

Por todos esses fundamentos que afirmam a concepção de texto como um processo complexo, dinâmico e multifacetado, trabalhamos os processos textuais dentro das possibilidades do paradigma ecológico (BEAUGRANDE, 1997). Ou seja, trabalhamos a partir da ideia de que, se consideramos diversos fatores situados na construção de realidades na e pela linguagem, só seremos coerentes se defendermos aqui um posicionamento paradigmático que também considere a relação ecológica e complexa entre os diversos e dinâmicos fatores responsáveis pelas negociações de objetos do discurso. Esse posicionamento, de acordo com Beaugrande (1997), está traduzido como um paradigma ecológico, em que o texto é compreendido como um evento comunicativo para o qual convergem ações linguísticas, cognitivas e sociais, com significados socioculturais e cognitivos complexos e situados em meio ao caos. A concepção de texto envolvida no processo de referenciação coincide com a assunção de texto como evento comunicativo (BEAUGRANDE, 1997), e esta concepção está em perceptível afinidade com a abordagem sociocognitivista da linguagem, por haver, portanto, uma colaboração de ordem multissemiótica e intersubjetiva durante as construções de sentido do evento textual.

² Para Hanks (2008, p. 175), a emergência “designa aspectos do discurso que surgem da produção e da recepção enquanto processos em curso”, enquanto a incorporação “designa a relação entre os aspectos contextuais relacionados ao enquadramento do discurso, sua centração ou seu assentamento em quadros teóricos mais amplos”.





Por entendermos que a realidade é concebida sempre em construção negociada, nesta argumentação, negamos ideias correspondentistas entre referência e coisa do mundo, o que nos garante repelir um discurso baseado na polaridade entre “linguagem interior” vs. “mundo”, excluindo o sujeito, tal como se atenta Salomão (2003). A fim de compreendermos os indícios referenciais da narrativa bolsonarista, nos é cara a noção de Salomão (2003) acerca da convergência emergente durante a negociação de sentidos no evento textual, pois isso corrobora a problemática do trabalho ecológico do sujeito cognitivo, ou seja, do sujeito discursivo (SALOMÃO, 2003) incumbido de responsividade em seus contextos discursivos.

Neste trabalho, por considerarmos que há marcas intersubjetivas que influenciam na construção da referência feita pelo sujeito discursivo responsivo, concordamos com Alves Filho e Vieira (2011, p. 138) quando estes apontam como inviável “julgar a instabilidade [constitutiva das categorias e dos objetos de discurso] apenas comparando construções referenciais diferentes em relação a uma mesma realidade”. Nos estudos da referenciação de viés sociocognitivista, torna-se coerente comparar e contrastar entre si os sujeitos situados em suas práticas de discurso (em vez de comparar construções referenciais e realidade), haja vista que cada falante, moldado pelas imposições culturais e ideológicas de sua sociedade e de sua época, ativa o seu filtro de percepção particular ao fazer referências aos objetos de mundo, construindo, assim, marcas que influenciam na construção da referência (CIULLA, 2014, p. 248).

Dada a importância das escolhas referenciais negociadas por sujeitos discursivos responsivos, inquietamo-nos em investigar quais são as escolhas referenciais escolhidas pelo Presidente da República que indiciam um discurso negacionista sobre a pandemia de Covid-19. Para isso, além dos subsídios trazidos pelos estudos da linguagem, buscamos uma concepção de viés histórico e psicológico acerca do revisionismo negacionista. Para entendê-lo, pautamo-nos nas concepções discorridas a seguir.

2.1 Narrativa bolsonarista e negacionismo

O conceito de narrativa bolsonarista é trazida nesta pesquisa a partir das concepções discutidas por Solano (2019), em que a autora aponta o apoio ao discurso de Bolsonaro como uma simbiose de conceitos que compõem a bolsonarização. São conceitos frutos de movimentos políticos da extrema direita ocorridos no Brasil que incutiram ao imaginário brasileiro um fenômeno complexo e multifatorial, uma retórica anti-intelectual e “antipetista com fortes traços de antiesquerdismo e anticomunismo e já com uma presença das fake news” (SOLANO, 2019, p. 311). Evidenciamos o fator anti-intelectualismo para que compreendamos o discurso negacionista do bolsonarismo.





Atento ao fator anti-intelectualista (também antimídia e antipolítica), Szwako (2020) utiliza-se dos *insights* da psicanálise para refletir sobre o negacionismo bolsonarista e a perversidade presente nele. Sobre o posicionamento anti-intelectual, o autor discute acerca do falseamento da realidade feito por bolsonaristas ao negarem quaisquer contradições. Segundo o autor, “numa lógica perversa de fixação nas retificações normais à construção da ciência, tanto mais compreensíveis em contexto de crise aguda, o negacionismo não recusa o discurso científico, mas a sua natureza controversa” (SZWAKO, 2020, p. 76).

Em uma tentativa de progredir conceitualmente quanto à nossa inquietação sobre o negacionismo bolsonarista, percebemos afinidade entre a constatação de Szwako (2020) sobre a negação das contradições e o que nos diz Costa (2020) ao diferenciar um posicionamento negacionista de um cético:

Negacionismo não é ceticismo. Na verdade, há um antagonismo entre os dois. Enquanto o verdadeiro cético parte da dúvida, [...] o negacionista parte de uma “certeza” [...]. Preso a essa “certeza”, o negacionista recusa-se a checar de maneira aberta e honesta as evidências que com ela se choquem. Enquanto o ceticismo implica desapego, o negacionismo se agarra irredutivelmente a um ponto de vista original, geralmente vinculado a alguma motivação alheia ao terreno da ciência. (COSTA, 2020)

Tomando esse aporte teórico, temos a hipótese de que há no bolsonarismo uma terra fértil para cultivar uma revisão negacionista sobre a realidade, pois, na narrativa bolsonarista, há vários traços em comum e paralelos ao negacionismo histórico e até ao climático (ambos anti-intelectuais, antimídia e anticiência). Para investigarmos esses traços negacionistas — a fim de solucionar uma de nossas questões de análise —, partindo dos estudos da linguagem, perscrutamos as escolhas referenciais dispostas adiante na seção de análise.

3 MÉTODOS

Pelo teor interpretativo, orientamos esta pesquisa numa trilha de caráter qualitativo, pois não há uma preocupação com representatividade numérica, mas sim com “o aprofundamento da compreensão de seu objeto” (DIEZ; HORN, 2013): a (re)construção dos objetos de discurso pela narrativa bolsonarista durante as declarações públicas do Presidente da República sobre a pandemia de Covid-19. Já, quanto aos procedimentos, trata-se de uma pesquisa documental e bibliográfica.

A fim de compor a análise de dados, destacamos o *corpus* de pesquisa desta análise: selecionamos trechos de duas declarações feitas pelo Presidente da República Jair Messias Bolsonaro, uma feita no





dia 24 de março de 2020, por meio de um pronunciamento em rede nacional de rádio e televisão; e a outra realizada em 16 de agosto de 2020, por meio de um conteúdo publicado em sua rede social (*Facebook*).

É importante explicar que as escolhas desse *corpus* se devem ao fato de que, com o surgimento do bolsonarismo, as falas do atual chefe de Estado brasileiro passaram a exercer um papel relevante para influenciar a discussão sobre diversas pautas sociais. Neste contexto de pandemia, alguns de seus pronunciamentos circularam em meios de comunicação variados, como redes sociais, jornais e revistas. Com isso, consideramos o valor perlocucionário das declarações do presidente Jair Bolsonaro, por estes produzirem frequentemente certos efeitos sobre os pensamentos e ações da audiência.

Sobre a pauta do novo coronavírus, há apenas cinco pronunciamentos do Presidente Jair Bolsonaro feitos em cadeia nacional de rádio e televisão. Por defender uma comunicação independente dos conglomerados de mídia, a maioria das declarações do Presidente da República é realizada durante suas *lives*/transmissões semanais ao vivo em suas próprias redes sociais ou publicadas por escrito em postagens também nas próprias redes sociais.

Levando em conta essa variedade na escolha dos meios de comunicação pelos quais o chefe de Estado decide expor suas ideias e decisões, escolhemos uma oriunda de meio oficial e outra de um meio independente. Escolhemos o primeiro pronunciamento, em que faz a sua primeira aparição em rede nacional com o fito de tratar sobre a pandemia, pela repercussão à época devido à declaração de que o novo coronavírus causava apenas uma “gripezinha ou resfriadinho”, fala que logo evidenciou os grupos reativos contrários e grupos de interlocutores que, após meses, ainda concordam e reproduzem esse discurso bolsonarista. Escolhemos os trechos com maior recorrência de circulação na mídia, por estes incitarem o entendimento e influenciarem parte da audiência a ir em direção contrária aos entendimentos dos órgãos responsáveis pela saúde pública. A segunda escolha, uma publicação em rede social, demonstra um conteúdo que obteve repercussão nas mídias e, por isso, optamos por analisar a tessitura discursiva negociada nela: a defesa de Jair Bolsonaro quanto ao uso de medicamentos até então não oficialmente indicados para tratar os sintomas de Covid-19.

4 ANÁLISE DE DADOS

Conforme exposto na seção sobre métodos, selecionamos duas declarações públicas para compor a análise, uma declaração feita durante pronunciamento em 24 de março de 2020 e uma publicação escrita feita em 16 de agosto de 2020. Nos momentos de análise a seguir, voltamo-nos para questões linguísticas, atentando às expressões referenciais, a fim de analisarmos a (re)construção dos





objetos de discurso e os possíveis indícios contextuais que evidenciam posicionamento negacionista na narrativa do então Presidente da República, Jair Messias Bolsonaro.

4.1 Transcrição do pronunciamento do Senhor Presidente da República, Jair Bolsonaro, em cadeia de rádio e televisão

No dia 24 de março de 2020, durante pronunciamento em cadeia de rádio e televisão, o presidente da república, Jair Bolsonaro, pronunciou-se sobre a crise causada pela pandemia do novo coronavírus na sociedade brasileira. Em seu pronunciamento, Jair Bolsonaro fez escolhas lexicais que indicaram possíveis julgamentos, além de fazer menções ao trato dado à pandemia pela imprensa brasileira e pelos governos locais (estaduais e municipais), como posto nos trechos selecionados a seguir.

Quadro 1: Menção anafórica em trecho do pronunciamento de Jair Bolsonaro

a. Começamos a nos preparar para enfrentar o Coronavírus, pois sabíamos que mais cedo ou mais tarde ele chegaria ao Brasil. Nosso ministro da Saúde reuniu-se com quase todos os secretários de Saúde dos estados para que o planejamento estratégico de enfrentamento ao vírus fosse construído. E, desde então, o Dr. Henrique Mandetta vem desempenhando um excelente trabalho de esclarecimento e preparação do SUS para atendimento de possíveis vítimas. Mas, o que tínhamos que conter naquele momento era o pânico, a histeria e, ao mesmo tempo, traçar a estratégia para salvar vidas e evitar o desemprego em massa. Assim fizemos, **quase contra tudo e contra todos**.

Fonte: elaborado pela autora (2020)

Em “quase contra tudo e contra todos”, há continuação da relação referencial global. A anáfora indireta ocorre por meio de pronome indefinido, que só não é conceitualmente indefinido porque é situado sociocognitivamente em uma cadeia referencial. Entendemos então que a realização anafórica por meio de elemento pronominal faz parte de um processo de reativação de referentes durante a atividade de textualização, compondo assim um universo referencial emergente (MARCUSCHI, 2001, p. 223).

No item “a” do Quadro 1, nos termos em destaque do trecho anteposto, há uma continuidade referencial percebida com a participação de um determinado conhecimento partilhado. Considerando os diferentes níveis de conhecimento que são acessados simultaneamente para interpretar o trecho, podemos destacar os conhecimentos linguísticos, os de mundo e os interacionais. Há, portanto, pistas coconstruídas a partir de uma memória partilhada para recuperarmos - em “quase contra tudo e contra todos” - o ente “governo” (municipal e estadual), “grande mídia” ou até mesmo “instituições internacionais”.



Sem que seja designado o que era “tudo” nem quem eram “todos”, por se tratar de uma anáfora indireta, o locutor gerou condições para construirmos sentido e recuperarmos seus opositores: os governos locais e a grande mídia. No contexto de pandemia, Jair Bolsonaro, com frequência, critica e aponta quem seriam a sua oposição: aqueles que defendem isolamento social, fechamento de escolas e comércio e aqueles que são contrários ao uso do fármaco hidroxicloroquina na solução dos danos causados pela Covid-19, algo que é publicamente defendido pelo chefe de Estado. Tal conhecimento não garantiria uma única condição de sentido, mas marca uma importante pista contextual para sabermos quem seria o ente materializado por meio das expressões referenciais “tudo” e “todos”. A partir desse conhecimento partilhado, tem-se as condições contextuais e situadas para que haja negociações de sentido por meio de inferências, entendendo que, no conteúdo do Quadro 1, por mais que o interlocutor não tenha inscrito anteriormente os referentes “governos estaduais e municipais” / “grande mídia”, estes fazem parte do universo discursivo e podem ser recuperados por meio das expressões referenciais “contra tudo e contra todos”.

Para Marcuschi (2000), no processo inferencial de referências e sentidos, ou no processo de produção de coerência, não há aspectos nucleares garantidos por uma instância dita objetiva em contraposição a aspectos periféricos. Assim, para recuperarmos o referente reconstruído por formas anafóricas (governos estaduais e municipais/ grande mídia → “tudo”; “todos”), há de se considerar os variados conhecimentos (da conjuntura político-ideológica; do contexto social; das formas linguísticas, do gênero e suporte discursivo etc).

Na defesa de um entendimento complexo do texto, compreendemos que considerar o contexto não depende somente dos elementos paralinguísticos, mas também das expressões referenciais escritas, haja vista que ambos os fatores estão imbricados. Recuperar, por exemplo, as escolhas referenciais nas declarações públicas do Presidente Bolsonaro para nomear seus opositores não depende somente do conhecimento sociopolítico e histórico do interlocutor, haja vista que há elementos contextuais, complexos e dinâmicos na cadeira referencial do texto. Vejamos:

Quadro 2: Menção anafórica e ironia em trecho do pronunciamento de Jair Bolsonaro

- a. **Grande parte dos meios de comunicação** foram na contramão. Espalharam exatamente a sensação de pavor, tendo como carro-chefe o anúncio do grande número de vítimas na Itália. Um país com grande número de idosos e com um clima totalmente diferente do nosso. O cenário perfeito, potencializado pela **mídia**, para que uma verdadeira **histeria** se espalhasse pelo nosso País.
- b. Contudo, percebe-se que de ontem para hoje parte da imprensa mudou o seu editorial: pedem calma e tranquilidade. **Isso é muito bom, parabéns imprensa brasileira.** É essencial que o equilíbrio e a verdade prevaleçam entre nós.
- c. **Algumas poucas autoridades estaduais e municipais** devem abandonar o conceito de terra arrasada, a proibição de transportes, o fechamento de comércio e o confinamento em massa.

Fonte: elaborado pela autora (2020)



No item “a” Quadro 2, há “Grande parte dos meios de comunicação” e “mídia” como sujeitos e agentes de uma ação e de posicionamentos contrários aos do locutor. Tal escolha referencial, apesar de compor uma menção aparentemente inédita, não se caracteriza como uma introdução referencial, haja vista a possibilidade de conhecimento partilhado durante a emergência textual.

Para que saibamos a que “grande parte dos meios de comunicação” e a que “mídia” o locutor se refere, cabe o conhecimento prévio partilhado por determinado grupo sobre o posicionamento defendido pela narrativa bolsonarista. Imbricado ao tempo real da produção do enunciado e da interação, há a incorporação de elementos não lineares na construção de sentido. Ou seja, há um vínculo de retomada na materialidade textual que possivelmente será recuperado por meio da inferência. Assim, a expressão referencial trata-se de uma anafórica, e não introdução, pois os termos em destaque não introduzem um dado novo, mas reativam referentes materializados em anáfora indireta, havendo assim uma âncora que dá suporte e, sociocognitivamente, viabiliza os processos inferenciais durante a interação. A construção de sentido envolvendo tal âncora, no caso, pode contar com o conhecimento partilhado sobre os conceitos que constroem a narrativa bolsonarista, como o fator antimídia e anti-ciência. Isso quer dizer que um dos caminhos para entendermos a quem o locutor se refere ao escolher os termos do item a do Quadro 2 é ter conhecimento sobre o discurso de Bolsonaro contrário às grandes redes midiáticas e ao conhecimento científico.

No item “b” do Quadro 2, há, na estrutura textual subsequente, progressão tópica e referencial, haja vista a retomada direta de “mídia” por meio da escolha referencial “imprensa”. Nesse trecho da cadeia referencial, o locutor recorre à ironia como estratégia discursiva para parabenizar a imprensa brasileira por não mais explicitar, quanto ao combate à Covid-19, o que o locutor chama de “histeria” (item “a” do Quadro 2). Esta, tal qual as demais expressões referenciais escolhidas pelo locutor, evidencia seu ponto de vista acerca do tratamento dado aos cuidados que evitam o contágio da doença: o locutor os entende como histeria.

Em posicionamento contrário ao que orienta tanto a Organização Mundial da Saúde quanto às várias pesquisas científicas mundiais e os protocolos estaduais de biossegurança, Bolsonaro critica medidas clássicas de saúde pública para conter a epidemia de doença respiratória, como isolamento, a quarentena, o distanciamento social e a contenção da comunidade. Diante disso, o que o chefe do poder executivo brasileiro nomeia de “histeria” é, sob outra perspectiva, chamado de **medidas de saúde pública** para a comunidade médica e científica. Ainda no item b do Quadro 2, após o uso da estratégia da ironia, há a presença do uso da expressão “verdade”, não para introduzir um referente novo na cadeia referencial, mas para dar continuidade por meio de uma remissão daquilo que o locutor





defende em sua argumentação: a difusão de informações sobre medidas de saúde pública é “uma verdadeira histeria”.

No item “c” do Quadro 2, o uso da expressão “verdade” remete-nos a um dos aspectos da compreensão negacionista, pois traz à tona a evidente busca por respostas definidas, completas e irrefutáveis, algo incomum no discurso científico, pautado no inicial ceticismo (COSTA, 2020), no consenso, na progressão e na autocrítica reflexiva e contínua. Comumente, quando há consensos entre os agentes da comunidade científica, há também, simultaneamente, a dúvida como parte fundamental desse processo, não havendo apego ao acúmulo de verdades, pois “a ciência não é somente a acumulação de verdades verdadeiras” (MORIN, 2005, p. 24). Bolsonaro, por meio de suas escolhas referenciais (evidenciando negação e desdém, como veremos adiante), por sua vez, distingue-se dessa ideia de ciência e a nega amiúde. Tratando-se da atual investigação acerca do novo coronavírus, Bolsonaro nega esse aspecto controverso da ciência, de modo a fertilizar o solo de sua narrativa para uma monocultura de negação às discussões oriundas da comunidade científica.

Quadro 3: Menção anafórica e uso do diminutivo trecho do pronunciamento de Jair Bolsonaro

a. No meu caso particular, pelo meu histórico de atleta, caso fosse contaminado pelo vírus não precisaria me preocupar, nada sentiria ou seria, quando muito, acometido de uma **gripezinha** ou **resfriadinho**, como bem disse **aquele conhecido médico daquela conhecida televisão**.

Fonte: elaborado pela autora (2020)

No item “a” do Quadro 3, temos expressões anafóricas que, indiretamente, apontam entes aparentemente não apriorísticos no discurso, sendo apontados de modo ancorado a questões paralinguísticas. Expressões referenciais como “aquele conhecido médico” e “daquela conhecida televisão” são entendidas caso, no momento da emergência e incorporação, haja uma estabilização negociada entre os participantes do evento textual. Assim, em consonância com Marcuschi (2000, p. 14), entendemos que “a atribuição de referentes no texto é em boa medida uma atividade pragmático-interativa de natureza também inferencial”, portanto, a noção semântica não daria conta do interlocutor construir o sentido de que, na fala de Jair Bolsonaro, há uma menção indireta à figura do médico Dráuzio Varella e à rede televisiva Rede Globo, conforme posto no quadro sinóptico a seguir sobre os processos de recategorização que se mostram significativos para percebermos a construção de um ponto de vista oriundo da perspectiva negacionista e antimídia.



Quadro 4: Recategorização por meio de anáfora indireta como estratégia exofórica de reativação de referentes

REFERENTE	EXPRESSÃO REFERENCIAL ANAFÓRICA
Covid-19	“gripezinha” / “resfriadinho”
Dráuzio Varella	“aquele conhecido médico”
Rede Globo	“daquela conhecida televisão”

Fonte: elaborado pela autora (2020)

Em Freitag *et al.* (2020), vemos uma análise a nível gramatical sobre o uso do diminutivo do termo “gripezinha”, proferido pelo presidente Jair Bolsonaro em seu pronunciamento do dia 24 de março de 2020. Na análise, os autores, além do fundamento gramatical, consideraram os elementos paralinguísticos como constitutivos de sentido, trabalhando tópicos gramaticais em interface com a semântica e a pragmática, o que muito contribuiu para o desenvolvimento de nossa questão acerca das estratégias na construção dos objetos de discurso.

Temos então um contrato discursivamente estabilizado, mediante análise contextual. Ou seja, por meio da escolha referencial “gripezinha”, recuperamos semanticamente o desdém evocado por Bolsonaro não somente pelo linguístico ou por um amontoado de elementos paralinguísticos, mas sim pela emergência e incorporação negociadas intersubjetivamente no evento textual do pronunciamento público.

Para construir sentido durante a emergência textual, é preciso haver cooperação, sendo tal cooperação indireta ou frequentemente encapsulada pelas multissemioses de cariz intersubjetivo.

Nas escolhas referenciais “gripezinha” e “resfriadinho”, conforme Freitag *et al.* (2020), há o importante fator semiótico dos gestos captados em imagem durante a transmissão do pronunciamento, para que fosse evidente a ideia de desdém evocada pelo uso do diminutivo “gripezinha”. Tal análise mostra-se oportuna como base para compreendermos que, no evento textual, além das questões gramaticais, semânticas e semióticas, converge também o conhecimento de mundo partilhado acerca dos fatores discursivos antimídia e anticientificismo, presentes na narrativa bolsonarista, corroborando, assim, a relação entre o desdém e o uso do diminutivo em questão. Considerando os fatores antimídia e anticientificismo, além de um ponto de vista desdenhoso evidenciado pelo locutor por meios linguísticos e gestuais, compreendemos que tais escolhas referenciais evidenciam também uma perspectiva negacionista de conceber a realidade.

A partir do amparo teórico de nossa análise, advogamos a ideia de que Jair Bolsonaro constrói recursivamente a narrativa bolsonarista como um sujeito discursivo responsivo por suas escolhas de expressões referenciais. Sendo responsivo em suas declarações, então, o Presidente da República atua de modo a afirmar a construção de uma narrativa que se volta para a negação da eficácia do uso de





máscara, para a defesa de um fármaco sem eficácia comprovada cientificamente para fins de tratamento para Covid-19 e a negação de ações preventivas, como o isolamento e distanciamento social, portanto, uma narrativa negacionista. A compreensão sobre o cariz negacionista da narrativa bolsonarista ocorre por meio do conhecimento partilhado sobre os efeitos perlocucionários promovidos por outras situações vividas pelo Presidente da República no decorrer dos meses de pandemia no país, como o do uso de diminutivo e o uso anafórico exemplificados nos destaques do item “a” do Quadro 3.

Assim, havendo a incorporação dos conhecimentos compartilhados durante emergência enunciativa das declarações feitas pelo chefe de Estado brasileiro, há condições de discernirmos sobre o que significa, em meio a uma crise pandêmica, o ato de ignorar orientações oriundas de grupos legítimos do campo científico: discurso negacionista.

Nesse contexto incerto para o mundo e sem precedentes que auxiliem na resolução da crise, o negacionismo compõe a narrativa dos grupos que rechaçam e repugnam a inerente contradição das discussões acadêmicas e científicas. Tal recusa às informações advindas das discussões da comunidade científica vem, então, compondo a narrativa bolsonarista e é evidenciada por meio de estratégias sutis, como a aparente familiarização com o cientificismo, conforme discorreremos partindo da postagem a seguir, de autoria de Jair Bolsonaro, publicada em sua rede social pessoal.

4.2 Postagem de Jair Messias Bolsonaro no *Facebook*

Em 16 de agosto de 2020, Jair Messias Bolsonaro publicou em sua rede social pessoal um conteúdo sobre a temática da pandemia causada pelo novo coronavírus. Em um espaço adequado para a escrita, Bolsonaro brevemente teceu argumentos sobre uma pesquisa, de modo a indicar também a autoria do estudo, referenciando-o a Karl Friston, neurobiólogo britânico da *University College London*, conforme explicitado na Figura 1 e transcrito nos itens do Quadro 5.

Figura 1: *Printscreen* do conteúdo publicado pelo presidente Jair Messias Bolsonaro em rede social (*Facebook*)



Fonte: *Facebook*. Disponível em: <https://www.facebook.com/jairmessias.bolsonaro/posts/2054360908046218/>. Acesso em: 19 ago. 2020.

Quadro 5: Recategorização e composição do gênero textual

- a. - Um dos melhores estudos sobre o COVID-19 concluiu que a maioria das pessoas é imune ao vírus.
- b. - Também que a política de “fechar tudo” teria sido baseada em ciência falha, e as consequências danosas à sociedade serão sentidas por décadas.
- c. - Vale a pena conhecer os detalhes desse estudo de Karl Friston, confirmados pelo o que realmente aconteceu.

Fonte: elaborado pela autora (2020)

Antes de adentrar nos aspectos linguísticos, cabe-nos situar nosso entendimento acerca do gênero postagem. Nesta pesquisa, concebemos a postagem como um gênero discursivo relativamente estável, conforme Bakhtin (2013). Assim, atentamo-nos às regularidades composicionais e estilísticas, compreendendo os movimentos comuns do gênero em questão. Inserida nessas configurações, a Figura 1 mostra um exemplo de postagem publicada na rede social *Facebook*. A disposição das unidades composicionais indica espaços estabelecidos tanto para a inserção de conteúdo linguístico ou para adição de texto imagético e audiovisual quanto para links embutidos (como no caso do link da Figura 1, relacionado à notícia embutida sobre imunidade das pessoas ao vírus da Covid-19).

Apesar do anticientificismo ser um fator constante na narrativa bolsonarista, na Figura 1, deparamo-nos com um conteúdo postado na conta pessoal da rede social do Presidente Jair Bolsonaro, em que este fundamenta seu argumento referenciando uma pesquisa científica. Tal ação resgata a complexidade da formação do pensamento negacionista, pois, como já citado, “o negacionismo não recusa o discurso científico, mas a sua natureza controversa” (SZWAKO, 2020, p. 76).



No item “a” do Quadro 5, Jair Bolsonaro qualifica positivamente uma pesquisa referenciada por meio de um *link* inserido no espaço da postagem, composição regular do gênero discursivo em questão. Ao escolher a expressão “concluiu”, apesar do termo ser usual na construção da escrita acadêmica, Jair Bolsonaro evidenciou um comportamento incomum ao trato das discussões científicas, haja vista a inerente contradição das discussões científicas, não havendo espaço, então, para conclusões definitivas, principalmente sobre um recente fenômeno como a Covid-19.

No item “b” do Quadro 5, interessa-nos focar em escolhas referenciais como “fechar tudo” e “ciência falha”, por indicarem um ponto de vista que parte da negação de um consenso da comunidade científica. As estratégias mitigadoras, até então conhecidas por meio de bases científicas, como isolamento social, lockdown, distanciamento social, uso de equipamentos de proteção individual, interrupção de setores econômicos e suspensão das aulas, são ações de prevenção de contágio geradas pelo consenso do meio acadêmico e científico. No entanto, ao referir-se à interrupção de setores econômicos e outras estratégias mitigadoras de contágio, o locutor escolheu a expressão referencial “fechar tudo”, em um indireto processo anafórico (interrupção de setores econômicos e suspensão das aulas → “fechar tudo”). Em relação à comunidade científica e suas discussões fundamentadas em revisão de pares acadêmicos, Jair Bolsonaro escolheu a expressão referencial “ciência falha”.

No item “c” do Quadro 5, ao tecer comentários sobre uma pesquisa, apoiando-se em citação de autoria, Jair Bolsonaro aparentemente compõe sua declaração indo de encontro ao negacionismo comumente evidenciado, porém, ao atentarmos às unidades que compõem a postagem, deparamo-nos com algumas incongruências quanto à veracidade das informações. Ao clicarmos no link disponível na postagem de Jair Bolsonaro, deparamo-nos com um texto no sítio Frontliner, em que as informações do texto são resultado de uma mescla de referências, como entrevista, reportagens e artigos científicos. No texto, há menção ao neurocientista Karl Friston a partir de sua entrevista concedida ao jornal *The Guardian*³, situação em que o cientista respondeu acerca do poder preditivo de sua modelagem matemática e do risco de uma segunda onda. Diferentemente do que afirma Jair Bolsonaro em sua postagem sobre a autoria de Karl Friston na pesquisa intitulada *Targets of T Cell Responses to SARS-CoV-2 Coronavirus in Humans with COVID-19 Disease and Unexposed Individuals*, o neurocientista não compõe a autoria da citada pesquisa, mas sim Grifoni *et al.* (2020).

Diante de tais discrepâncias, temos a oportunidade de refletir sobre a convergência de fatores que indiciam um discurso negacionista por meio das negociações de objetos do discurso e da composição do gênero postagem.

³ Disponível em: <https://www.theguardian.com/world/2020/may/31/covid-19-expert-karl-friston-germany-may-have-more-immunological-dark-matter>.





Para pontuar um dos conhecimentos partilhados significativos para a construção de sentido durante o evento textual, entendemos que, junto ao emaranhado de fatores não lineares, o conhecimento acadêmico é um importante elemento para a construção de sentido durante negociação intersubjetiva do texto. Ou seja, para compreender as questões do contexto de produção acadêmica, como autoria, movimentos retóricos próprios das produções textuais, finalidades, contradições etc., o sujeito necessita de condições para vivenciar as práticas de tal conhecimento de mundo. Imbricado às múltiplas semioses, defendemos que os conhecimentos acadêmico e científico compõem importantes elementos para o interlocutor ter andaimes para a construção de sentido acerca do cariz negacionista de Bolsonaro.

Nesta análise, somos convidados a perceber sutis processos sociocognitivos no discurso de Jair Bolsonaro que, considerando os aspectos linguísticos, históricos, políticos, socioculturais etc., permitem-nos compreender que, nas declarações e posicionamentos do chefe de Estado, há uma imbricação hipertextual que evidencia um ponto de vista não letrado, anticientífico, autoritário e negacionista. O contexto discursivo da narrativa bolsonarista, portanto, emerge recursivamente durante incorporação de fatores que se tecem junto a fundamentos autoritários, negacionistas e anti-intraceptivos.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

É difícil dar certezas, como se houvesse uma única construção da realidade para toda forma de vida possível. Não há. Acreditando em certezas generalizadas e descontextualizadas, possivelmente, haveria nesta argumentação uma brecha para embasar discursos como os negacionistas, que são construídos a partir de verdades inquebráveis, irrefutáveis e irreduzíveis. Não compactuamos com a ideia de termos uma verdade imposta, pronta e acabada para a discussão aqui trabalhada, haja vista o objetivo de refletir sobre o cariz indicial da narrativa bolsonarista, a fim de tentar compreender como o sentido desse discurso é negociado por aspectos negacionistas.

Amparando-nos no argumento de que há um sujeito ecológico responsivo durante as negociações intersubjetivas, consideramos que há estratégias discursivas que marcam e evidenciam pontos de vista e posicionamentos. Na narrativa bolsonarista, há elementos que viabilizam evidências de seu teor negacionista, pois, por meio de inferência construtiva ancorada sociocognitivamente em conhecimentos compartilhados, temos condições de recuperar referentes que são negociados em um jogo de linguagem comum em contextos autoritários e negacionistas. A partir das análises, vimos que a





narrativa bolsonarista é negociada a partir de um sistema multissemiótico que indicia sistemas de ordens autoritárias e anticientíficas.

Nesta análise, indo de encontro a diagnósticos peremptórios, tivemos a pretensão de refletir e expor um olhar nascido de um lugar mesclado de ideias que se complementam. Por meio da perspectiva sociocognitivista, tivemos o privilégio de propiciar um espaço de desconfianças e possibilidades, como quando trouxemos a possibilidade de compreender uma escolha lexical como indício de julgamento negacionista. Situando os diversos fatores multissemióticos, consideramos elementos históricos, políticos, cognitivos, emocionais, culturais, linguísticos etc. como parte da complexa construção de sentido do evento textual da narrativa estudada. Assim, pretendemos compreender o fenômeno textual para além da verificação e diagnóstico sobre uma correlação entre uma interpretação semântica e um diminutivo, um gesto, um comportamento psicofísico e/ou uma emoção. Tentamos, em síntese, expor ideias sobre o caráter multifatorial da construção de sentido sociocognitivamente situada, noção cara para a abordagem sociocognitivista dos estudos do texto. A partir desse local ontoepistêmico, fundamentamos um espaço para conceber a análise da narrativa bolsonarista como um processo emergencial que indicia negacionismo a cada declaração, a cada ação e perlocução.

Tivemos o objetivo de investigar como os objetos de discurso são negociados pela narrativa bolsonarista durante as declarações públicas do Presidente da República no trato da pandemia do novo coronavírus. Para isso, a partir de nosso lugar ontoepistêmico, atentamos às estratégias de escolhas referenciais anafóricas negociadas pelo presidente Jair Messias Bolsonaro, o que nos permitiu recuperar interpretações sobre estratégias discursivas como ironia, recorrentes menções indiretas e uso de expressões referenciais, como “gripezinha”, “fechar tudo e “ciência falha”. A partir de tais estratégias, concebemos reflexões sobre o corpus de análise que, no decorrer da investigação, se revelou como marcas de evidência do negacionismo presente na narrativa bolsonarista.

Em tempos de anti-ciência e de narrativas obscurantistas que dominam nossas vidas públicas, restou-nos aproveitar a oportunidade de compartilhar análises oriundas das ciências da linguagem, a fim de pensar conjuntamente sobre o papel da linguagem em situações de pandemia e de crise humanitária. A partir de nossa breve discussão, tentamos ecoar um grito de alerta sobre a necessária atenção que devemos ter não somente para com as escolhas das palavras ditas, mas para com as intenções de algumas narrativas obscurantistas, tal como a bolsonarista. Interessou-nos compartilhar que, quando nomeamos, situamos nosso lugar e evidenciamos nosso ponto de vista sobre como concebemos o mundo. Assim, diante das dores e das mudanças causadas pela situação pandêmica, dedicamo-nos a partilhar uma reflexão sobre quão nocivo é o discurso daquele que nomeia as dores humanas de





“gripezinha” ou de “histeria”, bem como partilhar a importância do senso de comunidade daqueles que mantêm em movimento a engrenagem da ciência.

REFERÊNCIAS

ALVES FILHO, F.; VIEIRA, M. L. Construção de objetos de discurso: considerações em casos que o referente é um ator da vida social. **Revista Investigações**, v. 24, n. 2, p. 135-156, 2011.

BAKHTIN, M. M. **Problemas da Poética de Dostoiévski**. Tradução: Paulo Bezerra. 5. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2013.

BEAUGRANDE, R. **New foundations for a science of text and discourse: freedom of access to knowledge and society through Discourse**. Norwood: Ablex, 1997.

BRASIL. **Pronunciamento do Senhor Presidente da República, Jair Bolsonaro, em cadeia de rádio e televisão**. 2020. Disponível em: <https://www.gov.br/planalto/pt-br/acompanhe-o-planalto/pronunciamentos/pronunciamentos-do-presidente-da-republica/pronunciamento-em-cadeia-de-radio-e-televisao-do-senhor-presidente-da-republica-jair-bolsonaro>. Acesso em: 10 ago. 2020.

CAVALCANTE, M. M.; CUSTÓDIO FILHO, V.; BRITO, M. A. P. **Coerência, referenciação e ensino**. São Paulo: Cortez, 2014.

CAVALCANTE, M. M. Expressões referenciais – uma proposta classificatória. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, v. 44, p. 105-118, 2003.

COSTA, A. A. Ceticismo e negação. **PISEAGRAMA**, n. 14, p. 82-91, 2020.

COSTA, M. H. A. **Acessibilidade de referentes: um convite à reflexão**. 2007. 203 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2007.

CIULLA, A. Categorização e referência: uma abordagem discursiva. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, v. 56, n. 2, p. 247-258, 2014.

FREITAG, R. M. K. *et al.* Acho que é uma gripezinha: construções linguísticas como pistas de atitudes em tempos de pandemia. **Linguagem**, v. 35, n. 1, p. 31-49, 2020.

GRIFONI, A. *et al.* Targets of T Cell Responses to SARS-CoV-2 Coronavirus in Humans with COVID-19 Disease and Unexposed Individuals. **Cell**, v. 181, n. 7, p. 1489-1501, 2020.

HANKS, W. F. **Língua como prática social: das relações entre língua, cultura e sociedade a partir de Bourdieu e Bakhtin**. São Paulo: Cortez, 2008.

MARCUSCHI, L. A. Quando a referência é uma inferência. *In*: SEMINÁRIO DO GRUPO DE ESTUDOS LINGÜÍSTICOS DO ESTADO DE SÃO PAULO, 48, 2020, São Paulo. **Anais [...]**. São Paulo: UNESP, 2000. p. 1-31.





MARCUSCHI, L. A. **Cognição, linguagem e práticas interacionais**. Rio de Janeiro, Lucerna, 2007.

MONDADA, L.; DUBOIS, D. Construction des objets de discours et categorisation: une approche des processus de référénciation. **TRANEL** (Neuchâtel Linguistic Works), v. 23, p. 273-302, 1995.

MORIN, E. “Nous devons vivre avec l’incertitude”. [Entrevista concedida a] Francis Lecompte. **CNRS jornal**, 2020. Disponível em: <https://lejournal.cnrs.fr/articles/edgar-morin-nous-devons-vivre-avec-lincertitude>. Acesso em: 20 out. 2020.

MORIN, E. **Ciência com Consciência**. Tradução: Maria D. Alexandre e Maria Alice Sampaio Doria. 8. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

SALOMÃO, M. M. M. Razão, realismo e verdade: o que nos ensina o estudo sociognitivo da referência. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, v. 44, p. 71–84, 2003.

SOLANO, E. A bolsonarização do Brasil. In: ABRANCHES, S. *et al.* **Democracia em Risco?** 22 ensaios sobre o Brasil de hoje. São Paulo: Companhia das Letras, 2019. p. 307-321.

STREET, B. **Letramentos sociais**: abordagens críticas do letramento no desenvolvimento, na etnografia e na educação. Tradução: Marcos Bagno. São Paulo: Parábola, 2014.

SZWAKO, J. O que nega o negacionismo? **Cadernos de Subjetividade**, v. 1, n. 21, p. 70-77, 2020.

Artigo recebido em: 02/03/2021

Artigo aprovado em: 16/07/2021

Artigo publicado em: 03/09/2021

COMO CITAR

MARQUES, D. T. Contextos discursivos e pandemia: a construção de objetos de discurso na narrativa bolsonarista. **Diálogo das Letras**, Pau dos Ferros, v. 10, p. 1-20, e02114, 2021.

